

Votorantim vende mesmo sem lucro para pagar dívidas

Para galgar a posição de maior conglomerado empresarial do Brasil, o Grupo Votorantim manteve ao longo dos anos uma política de investimentos firmes e constantes. Nunca, porém, se permitiu endividar-se excessivamente para executar qualquer projeto. Nem quando o Governo agia como mecenas de empresários dispostos a investir mais do que seus recursos próprios permitiam. Hoje, o Votorantim toca seus projetos de expansão com apenas 20% de recursos de terceiros.

Mesmo assim, os custos financeiros já o incomodam a tal ponto que o Votorantim está exportando alumínio, até sem lucro, para liquidar empréstimos bancários. O próprio Antônio Ermírio de Moraes, principal executivo deste gigantesco conglomerado familiar, reconhece que, no atual quadro brasileiro, 20% de endividamento é, para qualquer empresa, "algo absolutamente ridículo, uma posição tão confortável que, certamente, levaria muitos empresários ao paraíso". Mas o Votorantim não está disposto a trabalhar "para engordar lucro de

banco e terminar nas mãos dos banqueiros".

— Nós íamos fazer uma fábrica de alumina e alumínio no Norte. Mas, dadas as dificuldades financeiras (porque a cada dia estamos mais pobres e a cada dia que se passa fica mais difícil montar um novo empreendimento industrial) preferimos ampliar a capacidade de produção da nossa unidade paulista. Nosso programa era de produzir 160 mil toneladas/ano no Norte e outro tanto em São Paulo. Terminamos apenas aumentando a capacidade paulista de 80 mil para 125 mil toneladas, o que nos está custando 160 milhões de dólares e deverá estar concluído em março do próximo ano. E isso com muita dificuldade, já que os juros para desconto de duplicatas andam por volta de 180% ao ano — explica.

Mesmo tendo captado ("a duras penas") apenas 20% dos recursos necessários ao empreendimento, Antônio Ermírio reconhece que isso "nos está incomodando muito, a ponto de termos tomado a decisão de exportar até sem lucros para liquidar esses 20%. E esse é o caminho que poderia apontar a qualquer outro dirigente de empresa brasileira: vender o que for possível, até mesmo desmobilizar patrimônio, e liquidar os débitos bancários o mais rapidamente possível. Também aconselharia manter as posições já conquistadas e apenas reinvestir possíveis lucros. Até porque, se os mercados nacional e internacional fracassarem nos próximos meses como fracassaram no primeiro semestre, a coisa vai ficar muito séria".